

Caminhos e lugares do Concelho de Câmara de Lobos (36)

A Freguesia da Quinta Grande

IV - Os Curas e Párocos da Quinta Grande

Durante muito tempo, nas freguesias mais distantes dos centros político-administrativos e económicos, o pároco, sozinho ou juntamente com o regedor, o professor e o médico quando existia, era o conselheiro, o intermediário privilegiado entre a população e as instâncias do poder, quando em causa estava a defesa dos interesses da freguesia ou paróquia e a necessidade de resolução de problemas urgentes. A Quinta Grande, possuindo uma população de reduzidas dimensões e de fracos recursos económicos, teve ao longo da sua existência, nos seus párocos praticamente as únicas entidades a quem recorrer não só nas situações espirituais, como também temporais. Ao passarem 150 anos da criação da freguesia será de toda a justiça recordar, pelo menos os nomes daqueles que estiveram à frente dos seus destinos espirituais, mas que de uma forma geral também terão sido quem mais terá lutado pelos interesses da sua população.

Ainda que criada a 24 de Julho de 1848, a presença permanente de sacerdotes na Quinta Grande, verifica-se desde o momento em que esta localidade foi elevada à categoria de Curato, ou seja, a partir do dia 8 de Fevereiro de 1820.

Desde esse dia passaram pela capela ou igreja de Nossa Senhora dos Remédios 22 sacerdotes que com maior ou menor importância, durante muitos e muitos anos, para além das suas responsabilidades eclesiásticas, foram também muitas vezes os conselheiros, os intermediários, os defensores da sua população junto das instâncias do poder.

Os Curas da Quinta Grande

Foi primeiro cura da Quinta Grande, o padre **Felisberto de Gouveia**, que assumiu funções em Fevereiro de 1820. Tendo em conta a Provisão de criação do Curato, o padre Felisberto pertenceria na altura à Colegiada de Machico. A ele seguir-se-iam nos destinos do Curato da capela de Nossa Senhora dos Remédios: **Manuel Joaquim de Sousa Gouveia**, que assumiu funções em Fevereiro de 1821; **Manuel Alberto Mendes**, que assumiu funções em Fevereiro de 1823; **João Miguel de Freitas**, que assumiu funções em Fevereiro de 1827; **Clemente**



Pormenor da freguesia da Quinta Grande

Figueira de Ornelas, que assumiu funções em Outubro de 1828; **Manuel de Santa Maria**, que assumiu funções em Outubro de 1834; **António Pádua Pereira** que assumiu funções em Setembro de 1836; **Leandro José Froes**, que assumiu funções em Novembro de 1838 e **Manuel Joaquim Serrão** (1793-?) que assumiu funções em Outubro de 1838, tendo em Novembro de 1848, já depois da elevação da Quinta Grande a paróquia autónoma assumido funções como Vigário Encomendado.

Os vigários da Quinta Grande

Ao Padre Manuel Joa-

quim Serrão seguir-se-iam como vigários encomendados **António Silvino Gonçalves de Andrade** (1822-1902) que viria a assumir funções a partir de Outubro de 1849. Nesta freguesia esteve 8 anos, tendo construído em 1883 uma capela em honra de Santo António, na sua Quinta do Pomar. Durante algum tempo, o padre António Silvino Gonçalves de Andrade ocupou a cadeira do poder na Câmara Municipal de Câmara de Lobos, onde foi seu presidente. A ele seguiu-se à frente dos destinos da paróquia, **António Feliciano de Freitas** (1821-1892) que foi nomeado a 30 de Setembro de 1856 e assu-

miu funções em Outubro de 1856; **José Isidoro Gonçalves Figueira** (1834-1891) que assumiu funções em Setembro de 1858; **João Fernandes de Freitas**, que assumiu funções em Dezembro de 1858 e **Agostinho Teodoro Pita** (1800-1878) que foi nomeado vigário colado a 6 de Julho de 1862, tendo assumido funções em Outubro e sendo o primeiro vigário colado que a paróquia da Quinta Grande teve.

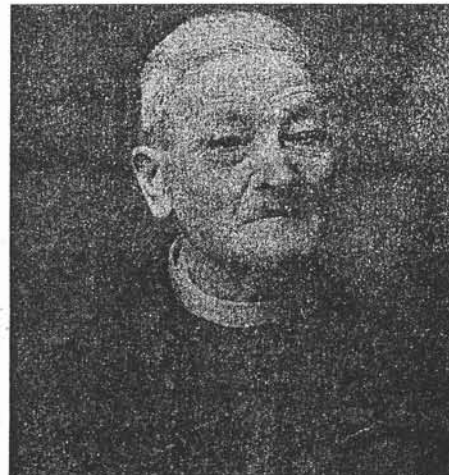
Ao padre Agostinho Teodoro Pita sucedeu **António Rodrigues Dinis Henriques** (1833-1922), natural de Câmara de Lobos, e que para ali fora nomeado a 30 de Junho de 1866 como vice-vigário e depois

vigário, passando a vigário colado a 15 de Abril de 1879 e onde permaneceu até Julho de 1912. Deve-se ao Padre António Rodrigues Dinis as grandes obras de ampliação da igreja que tiveram lugar nos anos de 1900 e 1901. Substituiu-o nas funções eclesiásticas o padre **Eugénio Rodrigues Teixeira**, (1885-1925), natural do Porto da Cruz e que ali terá permanecido até Maio de 1917.

Com o Padre Eugénio Teixeira ter-se-á passado um episódio que exprime alguns aspectos das relações entre o povo e o seu pároco e que nem sempre eram as melhores. Segundo o Jornal da Madeira de 18 de Fevereiro de 1925, em Fevereiro de 1915 ele [o Padre Eugénio] resolveu despedir o sacristão por ser ébrio e consultado o superior, nomeou outro que não agradou ao povo, insubordinando-se este por isso e faltando-lhe ao respeito. Ele então sem discussões abandonou a paróquia e apresentou-se ao cônego Monteiro, que era então Governador do Bispado a pedir providências. Imediatamente [a 22 de Fevereiro de 1915] a bondosa autoridade expediu a ordem seguinte [ao Padre António da Silva Figueira, Cura do Campanário]: "Srva-se V. Exa. no próximo domingo ir à igreja paroquial da Quinta Grande e nela celebrar a missa conventual e administrar os sacramentos que nessa ocasião lhe pedirem. Na ocasião da exploração do Evangelho anunciará ao povo que em vista das queixas que tenho da sua insubordinação e rebelião contra o respectivo pároco, querendo tudo para governar e mandar na igreja até ao próprio pároco, não pode continuar a permanecer padre algum ali. As insolências praticadas há poucos dias contra o seu pároco e contra o sacristão superiormente nomeado, são de tal ordem que não podem ficar impunes. O Reverendo pároco recusa-se a voltar para aí e não o posso obrigar a dirigir um povo que



Padre António Silvino Gonçalves de Andrade



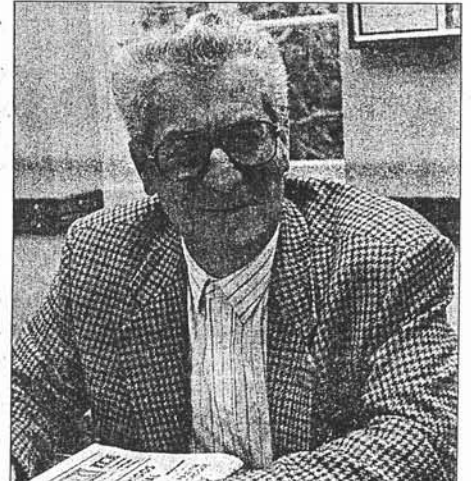
Padre António Dinis Rodrigues Henriques



Padre Augusto Prazeres Santos



Padre António Rodrigues Ferreira



Padre António José de Freitas

em vez de lhe obedecer lhe falta ao respeito e o quer governar.

Nem tenho sacerdote que em tais condições queira aceitar a paróquia visto que este povo não quer respeitar o seu pároco ficará sem ele até que se compenetre dos seus deveres, se comprometa a respeitá-lo e a obedecer ao seu pastor.

Na missa V. Rev. consumirá as sagradas partículas e ao retirar-se entregará ao sr. José Gonçalves do sítio das Fontes por ser pessoa da minha confiança as chaves da igreja.

Em vista disto, uma comissão de homens foi ao Funchal dar uma satisfação ao Padre Eugénio que voltou outra vez para aqui, sendo-lhe feita uma manifestação de desagravo.

Ao padre Eugénio Rodrigues Teixeira, seguiu-se nos destinos da paróquia da Quinta Grande o padre Augusto Prazeres Santos, natural de Santo António, onde nasceu a 17 de Abril

de 1884 e que viria a falecer na Quinta Grande no dia 17 de Fevereiro de 1947. Foi nomeado para vigário da Quinta Grande a 10 de Maio de 1917 e durante grande parte da sua estadia nesta freguesia terá sido muito provavelmente o correspondente local de *O Jornal*, e se não o foi, encontramos-lo, pelo menos algumas vezes a defender nas páginas desta publicação os interesses da sua população. Sobre a Quinta Grande, na edição de *O Jornal* de 17 de Dezembro de 1932 o padre Augusto Prazeres Santos, refere que esta freguesia é servida em toda a sua largura pela nova estrada e também pela velha, ainda que votada ao abandono; não tem caminhos municipais; tem apenas atalhos descuidados. Tem por junto, dois intermitentes marcos fontenários; tem uma escola oficial mista; não tem telefone e porquê? tem uma muralha a querer cair sobre o adro.

Assim vão vivendo os seus 1.200 habitantes, cada um na sua casa, pois ninguém mora em casa de aluguer, cada família com a sua fazendinha para plantar umas couves, umas batatas, um trigo e pouco mais, porque tem pouca água e assim o comunismo já não tem nada que ensinar por aqui, porque não há grandes proprietários, nem sequer burgueses tudo pobres trabalhadores.

E assim vivem abandonados pelos homens mas auxiliados pela Divina Providência e por Nossa Senhora dos Remédios, padroeira desta freguesia [...].

Por morte de Augusto Prazeres dos Santos, seria nomeado para o substituir António Rodrigues Ferreira natural do Arco da Calheta onde nasceu a 17 de Novembro de 1915 e que em Março de 1947 viria a assumir funções. A ele se deve a ampliação da Igreja, verificada em 1950, bem como a realização de importantes obras na casa

paroquial e capela da Vera Cruz. Tal como o seu antecessor, encontramos-lo, por várias vezes na imprensa a defender os interesses da população. A 27 de Julho de 1952, numa entrevista ao *Jornal da Madeira*, depois de admitir que nem tudo eram rosas na sua paróquia, mostrava preocupação pelo facto da Quinta Grande ser a única freguesia na Madeira que não usufruía de um único telefone, que não possuía carro de aluguer exclusivo, que a água potável era insuficiente e a pouca que havia era muitas vezes imprópria para consumo e que as duas únicas escolas então existentes, não satisfaziam as necessidades da população, o mesmo acontecendo relativamente ao médico que só visitava aquela freguesia uma vez por semana.

Sucedeu-lhe à frente dos destinos da paróquia, o padre António José de Freitas, natural de Machico, que assumiu funções

em Janeiro de 1962 e a quem se seguiria Manuel de Nóbrega, natural do Curral das Freiras, que assumiu funções a 3 de Agosto de 1964. A Manuel de Nóbrega deve-se a construção da actual capela de Nossa Senhora de Fátima, substituindo desta forma a que em 1931 havia sido mandada edificar pelo padre missionário Agostinho Vieira, bem como novas obras na capela da Vera Cruz.

Eduardo Freitas Nascimento, natural de Santana, onde nasceu a 9 de Outubro de 1929, viria a suceder a Manuel de Nóbrega, tendo assumido funções em 2 de Agosto de 1992, dando posteriormente lugar ao padre José Anastácio de Gouveia Alves, que assumiria responsabilidades nesta paróquia a 3 de Outubro de 1992. Relativamente ao padre Anastácio para além do trabalho que está desenvolvendo junto da juventude local e que

levou mesmo à construção de um salão paroquial, não deixa de ser curioso o seu interesse pelo desenvolvimento da freguesia. Colaborando umas vezes e outras assumindo um papel de maior relevo, o padre Anastácio tem-se revelado um elemento de inegável importância na localidade constatando-se, que quer num passado relativamente recente quer agora, os responsáveis autárquicos locais, não deixam de o consultar ou lhe pedir uma opinião no seu trabalho em prole da freguesia. Afinal de contas, na Quinta Grande, os recursos humanos ainda continuam bastante reduzidos, o que obriga a uma grande congregação de esforços e, tal como noutros tempos, o pároco continua a ser um elemento imprescindível a esta freguesia, não só no espiritual, como no temporal. ■

Manuel Pedro Freitas
www.geocities.com/TheTropics/Paradise/4273/



Padre Manuel de Nóbrega



Padre Eduardo Freitas Nascimento



Padre José Anastácio de Gouveia Alves